

Clínica da atividade e oficina de fotos: eletricitistas em foco

Clinical practice of activity and photo workshop: electricians in focus

La clínica de la actividad y taller fotografico: electricistas en foco

Emanuelle de Aguiar Pacheco Alves

Claudia Osorio da Silva

Universidade Federal Fluminense¹

Resumo

O artigo apresenta uma experiência de análise das atividades do trabalhador de energia elétrica em uma cidade, com base no dispositivo de Oficina de fotos e tendo como referência teórica a Clínica da Atividade. O foco do estudo está na análise da atividade dos trabalhadores que exercem o ofício de eletricitistas no município de Maricá, no estado do Rio de Janeiro. O contexto estudado é de terceirização, onde a precarização das relações de trabalho é um agravante. Devido a isso, torna-se imprescindível estudar a organização do trabalho e o enriquecimento de seu coletivo profissional. A Oficina de fotos foi escolhida como dispositivo de pesquisa e intervenção a fim de utilizar as imagens como disparadores da co-análise do trabalho, fazendo emergir uma realidade coletiva, presente em todas as atividades de trabalho. Visa, ainda, propiciar que outras relações mais potentes possam ser (re) criadas por meio da ampliação de suas possibilidades de ação.

Palavras-chave: Psicologia do trabalho; Clínica da atividade; Oficina de fotos; Eletricitistas.

Abstract

The article presents an analysis of the experience of the laborers who work in an electrical company from a rural area, based in the expedient called "Photos workshop" and exerts as theoretical reference the Clinical Practice of Activity. The aim of this study is to analyze the electrician workers' activity in Maricá, a city in the state of Rio de Janeiro. The context of the study is the outsourcing system, where labor deregulation is an aggravating factor. According to it, developing the organization of work and enriching its professional collectively is essential. The Photos Workshop was chosen as an intervention and research device in order to use the images as the trigger of the co-analysis of the work, giving rise to a collective reality presented in all activities of the labor. It also aims to provide that other more powerful relationships can be (re) created through the expansion of their possibilities of action.

Key-words: Work psychology; Clinic of activity; Photos workshop; Electrician.

Resumen

El artículo se presenta como una experiencia del análisis del trabajo diario y las actividades de los trabajadores en una ciudad, con base en el taller y el dispositivo de la foto con la referencia teórica a la Clínica de la Actividad. El enfoque del estudio es el análisis de la actividad de los trabajadores que ejercen el oficio de electricista en la ciudad de Maricá, en el Estado do Río de Janeiro. El contexto del estudio es la tercerización, donde la precarización de las relaciones laborales es un factor agravante. Debido a esto, es esencial estudiar la organización del trabajo y enriquecer su colectivo profesional. La Oficina de fotos fue elegida como un dispositivo de investigación e intervención con el fin de utilizar las imágenes como un disparador para el co-análisis del trabajo, dando lugar a una realidad colectiva, presente en todas las actividades laborales. También tiene como objetivo proporcionar que otras relaciones más potentes puedan ser (re) creadas mediante la ampliación de sus posibilidades de acción.

Palabras-clave: Psicología del trabajo; Clínica de la actividad; Oficina de fotos; Electricistas.

Introdução

Neste artigo, apresentamos uma experiência de intervenção acerca das atividades do trabalhador de energia elétrica em uma cidade do Estado do Rio de Janeiro usando como dispositivo a Oficina de fotos (Osorio, 2010).

Os debates sobre atividade e subjetividade no trabalho vêm suscitando a atenção de diferentes autores (Bendassoli, 2010). Entre essas abordagens,

está a Clínica da atividade, cuja metodologia tem como objetivo trazer o trabalhador para o lugar de co-analista de sua atividade profissional, propiciando a visibilidade de recursos criados pelo próprio trabalhador para tornar o trabalho mais prazeroso e eficiente.

Mesmo que não reconhecida pelo trabalhador e ainda que dificultada pela desrealização do trabalho contemporâneo (Clot, 2006), com metas demasiadamente altas e irreais, sob pressão de rapidez de resultados, a cogestão está sempre presente em toda a atividade laboral. Cogestor que aparece como trabalhador no momento em que é responsivo e responsável por uma atividade entendida como

Endereço : Campus do Gragoatá Bloco O sala 310
São Domingos 24210-200 - Niterói, RJ - Brasil Telefone: (21)
2629-2855

trabalho, na qual se espera a produção de algo determinado, tenha ele ou não necessidade desse produto.

Seguindo a metodologia da Clínica da atividade, o dispositivo de análise escolhido vem sendo denominado Oficina de fotos (Osorio, 2010). A Oficina de fotos utiliza a imagem como um provocador de diálogos sobre a atividade laboral, propiciando aos trabalhadores a possibilidade de utilizarem sua experiência como fonte de recursos para novas experiências.

Nesta perspectiva, afirmamos uma Psicologia do Trabalho que não está preocupada em revelar verdades sobre os modos de trabalhar, mas em (re) pensar, com os trabalhadores, outros modos de existência que ampliem a vida, desenvolvam os ofícios, ampliando o poder de agir dos coletivos de trabalhadores sobre o ambiente de trabalho real e sobre si mesmos.

Um pouco de história

A concretização dos objetivos propostos neste artigo exige um breve levantamento bibliográfico e documental acerca do objeto de estudo abordado, e as possíveis implicações desse processo de trabalho sobre as condições de vida e trabalho dos eletricitistas.

A indústria de energia elétrica, da origem ao consumidor, encontra-se dividida em três fases: a geração, a transmissão e a distribuição. O foco do trabalho realizado foi o segmento de distribuição, onde a maioria dos eletricitistas envolvidos nesta intervenção, trabalham.

O sistema elétrico no Brasil foi sendo consolidado a partir da década de 60, quando a Companhia Brasileira de Energia Elétrica (CBEE) foi comprada pelo governo federal e, posteriormente, transferida para a administração estadual.

Em 1995, foi editada a Lei das Concessões, que estabeleceu diversos critérios para a concessão de serviços públicos, inclusive de energia elétrica, que, a partir dessa data, deveriam ser prestados por meio de licitação.

Nessa época, no estado do Rio de Janeiro, as duas empresas responsáveis pela distribuição de energia elétrica eram a Light e a Companhia de Eletricidade do Rio de Janeiro. A Cerj tinha uma reduzida capacidade de geração de energia, sendo Furnas seu maior fornecedor. Ela atuava na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, bem como na Região dos Lagos, na Região Serrana e em algumas cidades do interior do Estado em que predominam atividades rurais (Carvalho & Lopes, 1998).

A primeira empresa de distribuição de energia elétrica no estado do Rio de Janeiro a ser privatizada foi a Light, em meados de 1996, mas durante o processo de privatização desta já estava sendo definida a privatização da Cerj.

Ao final de 2002, a geração e a transmissão de energia elétrica no estado eram, majoritariamente, de

empresas estatais e a distribuição era principalmente privada.

No Estado do Rio de Janeiro, desde então, as concessionárias de distribuição de energia passaram por mudanças em seu controle acionário, assumido atualmente por duas concessionárias de distribuição de energia elétrica, a Light e a empresa Ampla.

A Ampla, constituída a partir da antiga Cerj, como consórcio de empresas de energia elétrica formado pelo Grupo Endesa (Espanha), Chilectra e Enersis (Chile) e EDP Brasil (Portugal). Desde então, a Ampla assumiu todas as regiões que eram atendidas pela Cerj.

A partir dessa concessão, percebe-se uma intensificação de serviços terceirizados na manutenção e distribuição de energia elétrica nessa região do Rio de Janeiro (Nogueira, 1999).

As condições de trabalho em empresas terceirizadas na área de energia elétrica têm sido motivo de adoecimento frequente e grande insatisfação dos trabalhadores, devido a falhas na segurança do trabalho e baixa qualidade de vida dos trabalhadores envolvidos (Dieese, 1993).

Abordar essa situação com os trabalhadores, envolvendo-os no debate acerca de seu trabalho, suas condições de segurança e qualidade, é de grande importância para uma mudança efetiva nesse cenário. Essa afirmativa tem sido sustentada nos estudos da Clínica da atividade (Osorio, Barros & Louzada, 2010) e também em muitos outros do campo da Saúde do Trabalhador no Brasil (Minayo Gomez, Machado & Pena, 2011).

É por essa via de análise das relações entre qualidade de vida dos trabalhadores e qualidade do próprio trabalho que propusemos a experiência que será adiante relatada.

Conceituando o ofício

São várias as profissões que atuam no setor elétrico: engenheiros, eletricitistas, eletrotécnicos, técnicos de segurança, médico do trabalho, dentre outras. Nesta análise, a opção foi trabalhar com os eletricitistas.

De acordo com depoimentos dos trabalhadores, o eletricitista é aquele que aprende, desde muito jovem, a resolver problemas elétricos domésticos por curiosidade ou por herança paterna ou de parentes próximos. Por facilidade e oportunidade de mercado, ele acaba executando um ou outro serviço e, de repente, está imerso na área e se “profissionalizando” com o exercício diário.

De acordo com a última versão da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), organizada e publicada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, o eletricitista é aquele que trabalha com instalações elétricas e equipamentos. Suas funções consistem em montar e reparar as instalações elétricas e os equipamentos auxiliares em residências,

estabelecimentos industriais, comerciais, hospitalares e outros, assim como em veículos automotores e montar e reparar equipamentos elétricos de cenários e palcos.

De acordo com uma pesquisa feita com os eletricitários do Estado do Rio de Janeiro (Nogueira, 1999), foram citadas pelos trabalhadores, entre outras dificuldades vivenciadas na execução do trabalho, o choque elétrico, as lesões de pés e mão por acidentes envolvendo manutenção de equipamentos e de rede elétrica, o esforço visual e mental na leitura e interpretação de plantas e croquis, as posturas inadequadas, os riscos de acidentes de trânsito, a exposição às condições climáticas, a ameaça de desemprego e a perda de benefícios anteriormente obtidos como as mais frequentes no cotidiano da profissão.

Atividade e subjetividade

Na Clínica da atividade, faz-se relação entre atividade e subjetividade (Osorio et al., 2010). A atividade não é o contrário da subjetividade. A subjetividade é uma atividade sobre a atividade. A atividade, na tradição vigotskiana, não é “operação”. Para Clot (2010), há uma equivalência entre “atividade” e “saúde”. A Clínica da atividade adota a definição filosófica de saúde trazida por Georges Canguilhem. Se nós definimos saúde segundo a leitura de Canguilhem, no mundo do trabalho atual, a saúde está gravemente em perigo. As pessoas usam seus recursos pessoais para preservar a saúde. A atividade não é operação (gesto visível, detalhe etc.), mas sim o que é feito e o que ainda não foi feito. É assim que se desenvolve a produção subjetiva da experiência, através da atividade, que é sinônimo de saúde.

A atividade é endereçada, dirigida, simultaneamente, para seu objeto e para as outras atividades que incidem sobre esse objeto, sejam elas do outro ou, ainda, de outras atividades do sujeito. Ela transborda o real, e atua nos processos de criação e recriação de modos de agir no trabalho. Assim, atividade não é somente o que foi realizado, comporta também o real da atividade que engloba tanto a atividade interditada quanto a atividade idealizada. O que o sujeito quer fazer, mas não pode, também é atividade (Clot, 2006).

Atividade é fuga e não estadia. Atividade é escolha, dúvida, afeto, conflito. Atividade é tudo o que foi pensado, dialogado consigo mesmo a respeito do realizado, e do não realizado. Assim, o não realizado também faz parte da atividade, pois o que é ocultado influi com todo seu peso na atividade realizada. Unidade central na análise da Clínica da atividade, a atividade é sempre algo além do que nos propomos na tarefa prescrita. É mais que gestos realizados, passíveis de observação direta.

A atividade – prática e psíquica – é sempre a sede de investimentos vitais: ela transforma os objetos

do mundo em meio de viver ou fracassa ao fazê-lo. Em vez de ser determinada mecanicamente por dada situação, a atividade dos sujeitos no trabalho implica metamorfoses desta situação. Ela livra - correndo sempre o risco de fracassar nessa tentativa - o sujeito das dependências da situação concreta e subordina a si a situação em questão.

Isso nos leva a entender que viver no trabalho é, portanto, poder aí desenvolver sua atividade, seus objetos, instrumentos e destinatários, afetando a organização do trabalho por sua iniciativa. Ou, ao contrário, a atividade dos sujeitos se encontra não afetada, quando as coisas, na esfera profissional, começam a estabelecer entre si relações que ocorrem independentemente dessa iniciativa possível. Paradoxalmente a pessoa age, mas não está ativa. Essa desafecção deprecia o sujeito, torna-o menos real, para além dos efeitos sobre sua saúde, torna a atividade impedida (Alves, 2013).

A análise da atividade se constitui em um diálogo que se estabelece entre o trabalhador e seu trabalho, com os outros trabalhadores, com o pesquisador. Além disso, há também o diálogo interno (Bakhtin, 2006) que se estabelece entre o trabalhador e ele mesmo, em que se busca a melhor maneira de levar consigo o seu interlocutor, fazendo-o compreender seus modos de fazer. Mas nesse diálogo interior, comparece também o coletivo de ofício.

A Oficina de fotos como método de análise da atividade de trabalho

A escolha pela Oficina de fotos deve-se ao manejo coletivo que ela propõe, sendo um procedimento diferenciado com relação à autoconfrontação cruzada, método muito usado na atualidade por Yves Clot e sua equipe (2010c). As imagens na Oficina de fotos são produzidas pelos próprios trabalhadores e não pelo analista do trabalho e sua equipe. O objetivo deste dispositivo é disparar questionamentos e reflexões acerca da atividade de trabalho, tendo como mediadoras imagens fotográficas que se reportam a essa atividade.

Por ser um método onde os próprios trabalhadores produzem as imagens do trabalho, entendemos que a oficina de fotos propicia a participação direta dos trabalhadores. A nosso ver, eles são chamados a um lugar que lhes demanda inventar os seus caminhos sem ter que tudo explicitar aos pesquisadores (Osorio, 2011).

É importante destacar que a Oficina de fotos é um dispositivo que está sendo construído a partir das experiências com os trabalhadores. Não existe, portanto, um roteiro de ações que deva ser estritamente seguido, uma técnica a reproduzir. Isso estaria em discordância com a própria clínica da atividade e com o que acreditamos ser um instrumento potente de transformações dos ambientes de trabalho. Existem, sim, direções, orientações e princípios, que norteiam

nossas ações como analistas do trabalho, em nosso objetivo de auxiliar os trabalhadores na análise de suas atividades, possibilitando a ampliação de sua capacidade de ação e a transformação dos cotidianos de trabalho que produzem adoecimento.

Desse modo, o trabalhador que produz imagens do seu trabalho, assume a posição de protagonista da ação, favorecendo um diálogo interno, onde os diferentes modos possíveis de enfrentamento do real da atividade são postos em debate, possibilitando o desenvolvimento do gênero profissional e a ampliação de suas possibilidades como instrumento para a ação de cada um.

A instalação do dispositivo de análise se inicia com a identificação de uma demanda de análise, seja por uma encomenda clara de um grupo de trabalhadores, seja por uma empresa, ou ainda por demandas pouco explicitadas, apresentadas como queixas, expressas em faltas frequentes ao trabalho de todo um grupo de trabalhadores, altas frequências de acidentes e adoecimentos, etc. Uma vez identificada a demanda, há a necessidade de um acordo ou contrato, incluindo o analista do trabalho, os trabalhadores, seus contratantes e eventualmente outros organismos envolvidos na situação específica. No caso que nos serve de base, a análise se deu como desdobramento de um trabalho de formação em segurança contratado pela empresa.

Para essa instalação, como em outros métodos de análise do trabalho, há a necessidade de uma fase inicial de observação.

Uma das contribuições da Clínica da atividade pode-se dizer que é uma reconceitualização da questão da observação. Clot (2010b) chama a atenção para o fato de que quando se observa isso deixa traços junto ao observado. E o analista do trabalho vai se servir desses traços deixados junto ao observado para fazer a análise. Nessa explicitação do que seja o processo de observação, o autor faz questão de afirmar que isso não é o contrário do que propõe a ergonomia, que nesse caminho ele está em companheirismo com a ergonomia. Simplesmente ele acentua uma concepção psicológica da observação.

Então, a observação inicial já é provocadora do diálogo. No desenvolvimento da análise, com o uso dos instrumentos metodológicos como a autoconfrontação cruzada e a oficina de fotos, a observação continua presente, mediada pela imagem produzida. No debate demandado pela situação de pesquisa, os trabalhadores se observam e são observados, pelos pares e pelo pesquisador. Vários saberes se alimentam das concordâncias e divergências que surgem (Osorio, 2011).

Esse diálogo entre o grupo de trabalho, que traz à tona a situação de trabalho fotografada, produz algo novo, pois dispara um diálogo interno e uma análise coletiva da imagem produzida, que é escolhida por eles.

Temos observado que a fotografia porta uma característica particular em ser mais lúdica e mais próxima da realidade dos trabalhadores analisados. Normalmente, a foto é produzida por máquinas simples e celulares, o que faz esse método de análise ser mais acessível atualmente, na realidade dos trabalhadores em questão.

Logo após a primeira etapa da oficina, onde são organizadas as formas em que as fotos serão tomadas, os trabalhadores produzem as fotos que serão analisadas pelo grupo posteriormente.

As fotos produzidas, em um segundo momento, são apresentadas ao conjunto de participantes, fazendo com que haja uma discussão acerca da escolha da foto, do que chama mais atenção, enfim, a análise do trabalho é posta em jogo.

Neste momento, a oficina de fotos convoca a uma atividade sobre a atividade cotidiana de trabalho. A entrada do pesquisador como destinatário provoca no trabalhador uma mudança de direção: agora ele deve falar do seu trabalho ao pesquisador, explicar os mínimos detalhes e justificar a escolha da foto. Além do mais, ainda há outro mediador, a própria máquina fotográfica. De acordo com Rabardel (in Clot, 2006, p.67), esta passa de artefato a instrumento, quando se interpõe no olhar do trabalhador para seu trabalho; quando se destina a fazer fotos que serão apresentadas aos pares e ao analista do trabalho. Ao fazer as fotos, já está presente, como pré- ocupação, o uso a que elas se destinam (Osorio, 2011).

Em um último momento, se discute a possibilidade de mostrar as fotos escolhidas para outros grupos de trabalhadores, do mesmo ofício ou não, ou aos supervisores e gerentes, buscando ampliar as possibilidades de negociação de mudanças efetivas nas condições de trabalho.

Ao propormos o método da oficina de fotos, estamos fazendo com que as controvérsias e diferenças de pensamento existente surjam, em parte, em um diálogo mediado por vários interlocutores e, nos casos bem sucedidos favorecendo que o trabalhador se coloque como protagonista da ação.

A atividade de análise é mediatizada pela fotografia. Nesta metodologia, o pesquisador provoca uma replicação da experiência vivida (Clot, 2010b, p.193). Ela também é mediatizante dos conflitos da atividade cotidiana de trabalho (Osorio, 2011).

Desse modo, a noção de atividade se define como maior do que a tarefa efetuada. Para realizar o seu trabalho, os trabalhadores fazem escolhas, tomam decisões, improvisam, o que só se efetiva com desvios criativos que viabilizam a realização da tarefa prescrita. Assim, a atividade exige a mobilização dos trabalhadores num meio de variação constante. Ela é constituída pelas tensões que o trabalho vivo atualiza entre iniciativas concorrentes (Clot, 2006).

Nessa metodologia busca-se um trabalho coletivo que incide sobre o desenvolvimento da atividade

comum, ou, dito de outra maneira, sobre a atividade mediatizante de cada sujeito com os outros – às vezes, contra os outros-, mas sempre para além dos outros em direção do real. Como todo o dispositivo, seja instruções ao sócia ou autoconfrontação cruzada, a oficina de fotos se dispõe a restaurar o poder de agir dos profissionais em situação real.

Apresentação da intervenção

Feita a apresentação da proposta à gerência, convidamos os trabalhadores para uma apresentação da proposta de trabalho conjunto. Foram 9 encontros, cada encontro teve duração de 1 hora.

Logo no primeiro encontro, deparamo-nos com as dificuldades com relação ao tempo disponível para a realização do trabalho. Decidimos escolher um grupo de 15 trabalhadores, que eram responsáveis pela a área de Corte e religação de energia dos usuários. A escolha foi feita justamente pela particularidade da atividade que desempenhavam, que era de suspender a energia dos usuários inadimplentes. Dos quinze que foram convidados, oito compareceram. Muitos chegaram atrasados. O pacto inicial foi que no próximo dia eles chegariam mais cedo para termos mais tempo de discussão. Decidiu-se também que o supervisor não iria participar das atividades. Somente no final desse primeiro encontro eles se mostraram mais entrosados e motivados a participarem da pesquisa. Acreditamos que essa mudança de atitude se deu com uma atividade de apresentação proposta no fim. Esta atividade consistiu em uma breve apresentação de cada participante, relatando suas expectativas quanto à oficina de fotos proposta. Neste dia também apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde todos leram e assinaram.

Apesar da euforia no final da apresentação, sentimos que o grupo ainda precisava se sentir mais seguro para realizar a oficina de fotos. A maioria pouco interagia e quase não falava. Vimos que o cronograma teria que ser expandido, pois a demanda inicial ainda não estava clara. O cronograma foi renegociado com o grupo e com o supervisor, a ideia era que a oficina durasse mais algumas semanas.

Discutindo expectativas

No segundo dia da intervenção, doze trabalhadores compareceram. Propusemos uma atividade de apresentação mais extensa, onde os participantes teriam que responder em um papel ofício algumas perguntas: O que eu sou? O que eu faço? Onde estou? Para onde vou?

A intenção era que eles produzissem alguma questão acerca da vivência deles no grupo de trabalho, bem como sua implicação no mundo.

Quando todos terminaram de responder, pedimos que apresentassem para todo o grupo o que haviam colocado. Transcrevemos abaixo o que foi dito por dois dos participantes:

“R: Quem sou eu? A. Tenho 47 anos. O que eu faço? Sou eletricitista e procuro fazer tudo para esclarecer o cliente da melhor maneira possível. Onde estou? Maricá, RJ. Para onde vou? O destino melhor fica na mão de Deus, vou continuar a trabalhar no que eu gosto.”

“L: Quem sou eu? G., 33 anos, eletricitista e tenho uma filha. O que eu faço? Trabalho cortando a luz das pessoas. Onde estou? No momento estou parado no tempo, por que esse lugar aqui... Para onde vou? Buscar melhoria na minha vida pessoal e na carreira profissional.”

Nessa atividade de apresentação, observamos um grande entrosamento dos trabalhadores com a proposta de análise coletiva do trabalho. Neste dia estavam mais relaxados e tranquilos, pois o clima era bastante amistoso. Questões relacionadas com a profissão sempre eram lembradas, bem como a questão da difícil posição de ter como tarefa cortar e religar a luz das casas das pessoas. Aos poucos, sentimos que os participantes ficaram mais a vontade ao falarem sobre si mesmos e sobre o trabalho que faziam. Alguns pareciam constrangidos, mas logo se deixaram levar pelo diálogo que foi disparado pelo grupo. O interessante é que esse tempo e esse espaço se tornaram um espaço para falarem e debaterem coisas do cotidiano de trabalho, dúvidas, questões sobre carga horária de trabalho, hora extra, etc. Entre uma fala e outra, sempre aproveitavam uma brecha para discutir algumas questões pertinentes do trabalho.

Desenvolvendo os diálogos

No terceiro dia, para dar prosseguimento a alguns debates sobre a situação de trabalho, convidamos os participantes a se apresentarem por uma dinâmica conhecida como curto e não curto. Nessa dinâmica, entregam-se dois dados grandes ao participante. Em um dado está escrito, em três faces, curto e nas outras três não curto. No outro, faço e não faço. Cada participante deveria lançar ambos os dados simultaneamente e falar ao grupo de algo em seu trabalho que gosta de fazer e que efetivamente realiza; ou de alguma coisa de que gosta, mas não pode realizar; e assim por diante, de acordo com todas as possíveis opções de combinação no lançamento dos dados.

Fizemos uma roda com todos os eletricitistas participantes e iniciamos a roda de “quebra-gelo”:

“L: O que eu faço e curto? Uma coisa que eu curtia e não conseguia fazer mas hoje eu já faço é conseguir fazer o serviço no tempo e na forma que a empresa quer. Eu gosto do que eu faço e consigo fazer. Às vezes você gosta de fazer uma coisa mas você não consegue ter o êxito na tarefa.”

Aqui vimos a satisfação do eletricitista ao falar do que gosta de fazer e que efetivamente faz. É o que, na linguagem cotidiana, chama-se de “trabalho bem feito”, aquele em que é possível reconhecer-se individual e coletivamente, sintonizado com uma

história profissional que se persegue e pela qual cada um se sente responsável:

De modo que transformar o trabalho é também cuidar dele. Fazer um bom trabalho é fonte de saúde. Criar situações e encontrar técnicas nas quais se transformem os trabalhadores em sujeitos da situação, fazendo-os protagonistas da transformação. Eles é que são os autores da transformação.

Em tensão com os sentidos, a economia dos meios permitida pela renovação das técnicas é, dessa maneira, a segunda força motriz da disponibilidade da ação ou, dito por outras palavras, do desenvolvimento do poder de agir. É ela que torna outros objetivos efetivamente realizáveis, e por um custo menor, confirmando que a eficácia dinâmica do trabalho bem feito não consiste em realizar a ilusória adequação entre os fins e os meios; nem sequer em conseguir apenas o que havia sido previsto. Ela consiste também em ser capaz de imaginar outra coisa com os meios que se tornaram disponíveis (Clot, 2010b, p.18). É esse o motivo pelo qual o fato de poupar-se, para o trabalhador, pode aparecer como uma condição de irradiação de sua atividade:

A: Não curto e faço: ontem eu e meu parceiro pegamos uma situação na rua que me deixou bem chateado. Uma senhora que nós cortamos a luz, chorando pedindo pra gente não cortar, com três crianças pequenas, dizendo que não tinha como pagar a conta e chorando muito. Tem lugar que a gente vê uma casa boa, toda equipada com um “gato” enorme e a gente não pode fazer nada. Foi muito difícil, na hora eu e ele ficamos sem saber o que fazer. Então, eu não curto cortar a luz dessas pessoas, mas tenho que fazer.

Aqui prevalece o sentimento de impotência perante esta situação. Impotência de não poder ter a escolha de não cortar a luz e impotência de não poder denunciar o furto de energia das casas de classe média. Vemos aí, a amputação do poder de agir, atividade desvitalizada e desafetada, que despotencializa sua ação no trabalho.

Impõe-se aos trabalhadores uma inatividade mais custosa que a própria tarefa prescrita, gerando uma tensão que, ao não se dissipar em ação, torna-se fatigante (Clot, 2006). Nessa situação, enraiza-se a amputação do poder de agir, ou seja, essa queda de vitalidade e esse desinteresse pela atividade tão perigosas para a saúde.

Nessa situação, o gênero profissional desses trabalhadores torna-se cada vez mais fragilizado, pois os recursos de que comumente lançam mão para lidar com as situações cotidianas de trabalho, com tantas situações em que é preciso dar um jeitinho, ou até mesmo abrir mão de valores pessoais a favor da organização, tornam o trabalho muitas vezes doloroso. Tendo que conciliar o inconciliável (Clot, 2006), sem os recursos necessários para agir, os trabalhadores têm seu poder de ação diminuído, o que acarreta um sofrimento paralisante.

Trabalhar sobre essas condições é ter sua atividade impedida. E como nos alerta Clot (2006), a inibição de sua ação pode ser tão desgastante quanto à própria atividade do sujeito.

Tentar amputar do trabalhador seu poder de criação acaba por desembocar “num esforço mais dissociativo, mais fatigante e mais extenuante que se possa encontrar [...], o esforço não é só o que este homem faz para seguir a cadência, é igualmente aquele com que ele deve consentir para reprimir sua própria atividade”. Entendemos que é essa tentativa de imobilizar os movimentos de criação do trabalhador que produz a naturalização da relação sofrimento-trabalho, pois “a calibração dos gestos é uma amputação do movimento”. O sofrimento surge, então, do esforço deste trabalhador para colocar “entre parênteses” a riqueza de suas atividades (Clot, 2006, p. 14).

É esse gesto ao mesmo tempo prescrito e interdito que mais custa ao trabalhador. Sem poder aboli-lo, procura-se pôr sua atividade entre parênteses. Na realidade, ela é somente levada a gerar sofrimento. “[...] A fusão imaginária do homem e da máquina desemboca então paradoxalmente na impossível identificação do sujeito com os atos a ele prescritos. [...] é impossível, para a produção, absorver toda a atividade pessoal do sujeito em operações elementares. Ninguém tem o poder de aniquilar a atividade pessoal do trabalhador. Na melhor das hipóteses, ela é deslocada ou alienada” (Clot, 2006, p. 14).

Divisão das fotos e dos dias de análise

Nesta etapa, reunimos todos os eletricitistas participantes da pesquisa para descarregar em um único computador todas as fotos produzidas. Também foi feita a organização dos dias e das duplas que iriam escolher as fotos que seriam mostradas para o grupo todo em um outro momento. A maioria das fotos foram tiradas pelo celular e alguns não levaram o cabo para descarregar as fotos.

Seleção das fotos do 1º grupo

No quinto dia, iniciamos a análise das fotos entre duas equipes, na escolha das fotos. Cada equipe explicava e escolhia se iria ou não mostrar para o grupo todo em outro dia.

Foto 1: “E: Essa é a nossa pausa para o almoço com essa paisagem bonita, é o único momento que temos para descansar também. Acho importante mostrar essa foto para todo o grupo. Todos nós não abrimos mão da nossa hora do almoço.”

Na perspectiva da Clínica da atividade, o sujeito constrói aí seus instrumentos, além de se reconstruir não por viver simplesmente em seu mundo, mas por produzir um mundo para viver. Seu poder de agir é conquistado junto aos outros e aos objetos que os reúnem ou os dividem no trabalho comum (Clot, 2010b, p.23).

Figura 1



Cada trabalhador possui um diferente engajamento na sua relação com a empresa e colegas de trabalho. A criação de um espaço coletivo para que essas questões pudessem ser discutidas e analisadas poderia proporcionar aos trabalhadores a possibilidade de pactuar outras maneiras de fazer e viver o trabalho. O horário de almoço e descanso foi defendido como muito importante, produzindo um momento em comum com o colega de trabalho.

Figura 2



Foto 2: “A: Esse é o meu parceiro de trabalho. Tirei essa foto porque ele está bem embaixo do transformador, cortando a luz no poste. Nesse caso é um risco a mais que a gente corre, porque passa alta tensão em cima. O certo é colocar a escada no outro lado, mas não conseguimos quase nunca, pois no outro lado tem fios de energia elétrica também, que impedem o acesso.”

Essa interferência do par/colega de trabalho produz um movimento no diálogo em curso e nos leva a pensar a importância do par especialista na situação de análise em confrontação.

O diálogo entre os trabalhadores possibilita dar visibilidade ao gênero, que é trazido à cena pela confrontação do trabalhador com sua própria atividade e com a de outro trabalhador. Esse diálogo permite reviver o gênero, oferecendo aos trabalhadores a possibilidade de aperfeiçoá-lo. Novas

variantes podem surgir, validadas de forma coletiva pelos trabalhadores. O gênero se mantém assim vivo, isto é, servindo como instrumento de ação, quando se transforma alimentado pelas contribuições estilísticas (Clot, 2006).

Figura 3



Foto 3: “G: Olha a escuridão que a gente trabalha. Quando falta alguém da religião e a gente dá uma força para a equipe. Só que eles não dão pra gente uma lanterna, dizem pra gente colocar o farol do carro mesmo. Muita dificuldade, às vezes a gente faz o serviço com a luz do celular mesmo. Um segura o celular e o outro faz o serviço.”

Aqui, vemos uma grande insatisfação quanto à estrutura do trabalho realizado. Neste caso, percebemos que a simplificação da atividade, quando reduzida a comandos informatizados, pode criar situações ainda mais complicadas de administrar, em que o trabalhador passa a maior parte do tempo tentando compensar erros e panes do sistema, algo exigido aos operadores da nova “fluidez industrial” (Clot, 2006, p. 15).

Para Clot (2006), esta junção: ter que conciliar o inconciliável – regularidade, velocidade, qualidade, segurança – produz efeitos na saúde física e mental dos trabalhadores ainda não avaliados.

Figura 4



Foto 4: “G: Nesse poste aí eu não subo. Aí tem que tirar foto para mostrar e justificar porquê não subimos no poste. É tudo muito precário. E este poste funciona, está ligado na rede.”

Aqui vimos uma denotação da precariedade sentida pelo grupo de trabalhadores, principalmente com relação às condições diárias de trabalho.

Segundo os trabalhadores, às vezes são chamados para executar uma tarefa imediatamente, mas quando chegam no local, o poste está em precárias condições e, na maioria das vezes, não executam o serviço, para evitar um acidente de trabalho.

O trabalho nos coloca a todo instante frente a impasses. Se os trabalhadores não dispõem de recursos para ultrapassá-los, ou de meios para desenvolver tais recursos, estão em situação de atividade impedida.

Figura 5



Foto 5: “G: Olha a dificuldade que a gente encontra para fazer o serviço. Muito mato, não conseguimos armar a escada, a linha de vida. Na semana passada mesmo, eu caí em um brejo, mas agora já tenho meu macete.”

São as controvérsias que habitam o ofício. O cuidado no processo de trabalho visa alterar sua organização, busca inventar procedimentos para criar novas situações, produzir aparatos técnicos que transformem os trabalhadores em agentes desta transformação, fazendo-os protagonistas do processo. Eles é que são os autores das transformações da atividade e não os pesquisadores. A análise do trabalho só se efetivará, assim, como um espaço de diálogo, de encontros, de experiência compartilhada, afirmando-se a inseparabilidade do conhecer e fazer (Tedesco, 2012).

Figura 6



Foto 6: “G: Essa foto mostra as gambiarras que existem nos postes que a gente trabalha. É muito fio de telefone, “gatos” feitos por moradores...Daí nós temos que fazer os esquemas para não encostarmos nos fios, é muito perigoso.”

A defasagem sempre existente entre o trabalho prescrito e o trabalho real se deve ao fato de as situações reais de trabalho serem dinâmicas, instáveis, submetidas a imprevistos. Portanto, a atividade de trabalho envolve estratégias de adaptação do prescrito às situações reais de trabalho, atravessadas pelas variabilidades e o acaso.

Além disso, essa defasagem entre prescrição e a realidade do trabalho também se deve à diferença entre o discurso produzido sobre a prática e aquilo que os trabalhadores experimentam na prática. Trata-se dos limites das rotinas e protocolos tomados como referência, indicando que há sempre uma parte da atividade que não é traduzida em palavras.

Análise das fotos escolhidas por todas as equipes

No cronograma da intervenção, este dia foi proposto para a análise das fotos produzidas pelas duplas. Todo o grupo, os 12 eletricitistas compareceram no horário proposto para analisar as fotos em conjunto e propor melhorias no coletivo. Nesse encontro, também propomos que eles escolhessem as fotos que irão para o mural, que será confeccionado por todos em outro dia.

Algumas falas reverberam o que e porquê gostariam de colocar as fotos escolhidas no mural:

“G: Vai ser bom colocar o mural para toda a empresa ver, porque as outras equipes também vão ver a dificuldade que temos, e vão comparar os serviços deles com os nosso.”

Foi um momento de discussão coletiva do trabalho deles.

Elaboração e confecção do mural

Neste dia, foi o último encontro com o grupo. O objetivo proposto era confeccionar um mural com

as fotos escolhidas e analisadas, para ser exposto para todas as áreas da empresa. Todos chegaram no horário acordado, com bastante disposição e comentando sobre as fotos e sobre onde eles gostariam que ficasse o mural. Deixamos o tempo e o espaço livres para a colagem das fotos e escrita das frases. Foi disponibilizada uma gama de material, como as fotos reveladas, caneta colorida, giz de cera, revistas, jornais, etc. Durante a confecção do mural, a equipe demonstrou um engajamento e interação, fazendo algumas brincadeiras ao mesmo tempo que colavam frases e fotos, fazendo um jogo de palavras interessantes. Finalizamos este momento analisando como foram os três meses de pesquisa, de reuniões, de fotos tiradas, de análise.

Os debates demonstram que com todas as dificuldades, sofrimentos, lamentos, esses trabalhadores ainda conseguem criar estratégias, articulações, alianças e produzem prazer em seu trabalho. Os debates puderam dar visibilidade aos diversos desvios criativos que tem sido produzidos em sua atividade. Durante as oficinas outros novos também puderam ser inventados em conjunto. Suas ferramentas, seus recursos, o gênero profissional, continuam a ser recriados em meio a todas as dificuldades colocadas em seu ambiente de trabalho. Essas experiências nos inspiraram durante nossa trajetória nesta pesquisa, na produção de análises do próprio trabalho.

Considerações finais

O debate realizado com estes trabalhadores comportou uma produção de conhecimento sobre o ofício de electricista. O espaço usado na oficina se configurou como um espaço de troca de conhecimentos técnicos e conhecimentos oriundos de experiências, incluindo a analista do trabalho como parte do grupo.

Convocar a capacidade inventiva dos trabalhadores por métodos dialógicos, como a oficina de fotos, é convocá-los de modo direto à produção de sentidos que ultrapassam o prescrito.

Lançarmo-nos pelas proposições da clínica da atividade se justifica por apostarmos que esse caminho seja o mais coerente com nossos objetivos de construir dispositivos que possibilitem dar visibilidade à vida, à um novo modo de gerir o trabalho, de senti-lo, de desenvolvê-lo. Não há tarefa mais gratificante que essa, para um psicólogo do trabalho. Por meio desta prática esperamos lançar mão de uma nova Psicologia do Trabalho, tornando os trabalhadores protagonistas de seu desenvolvimento, fazendo com que sua potência faça viver, faça ressignificar o trabalho, emergindo aí desvios e novas estratégias inventivas, (re) criando movimentos, revitalizando a atividade, ampliando o poder de agir e, certamente, promovendo a saúde nos ambientes de trabalho. A atividade clínica em Psicologia do Trabalho é demandada de diversas

formas. Esse é então o gênero de atividade profissional que cabe a nós desenvolver (Osorio, 2010).

A oficina de fotos propõe uma situação coletiva que possa constituir como um instrumento para ação e desenvolvimento dos trabalhadores. A fotografia de situações de trabalho efetiva-se como um registro do trabalho e serve, sem dúvidas, de suporte para o estabelecimento de um diálogo endereçado ao pesquisador, aos colegas e ao próprio trabalho. Isso produz conhecimento e pode levar a soluções construídas coletivamente, mudando modos cotidianos de fazer, saber e ser.

Abertos ao encontro, construímos relações intercessoras, de interferência mútua, criando possíveis, nos deixando afetar e sermos afetados. Uma Psicologia do Trabalho que produz intervenção e cria novos territórios existenciais. Uma linha de trabalho em que a compreensão da relação entre trabalho e subjetividade é centrada na atividade como fonte permanente de recriação de novas formas de viver, em que as possibilidades de vida, de uma relação inventiva com o trabalho, é o desafio que se impõe.

Referências bibliográficas

- Alves, E.A.P. (2013). Trabalho: entre fios e ligações. Dissertação de Mestrado. Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- Bakhtin, M. (2006). Os gêneros do discurso. In M. Bakhtin (Ed.). *Estética da Criação Verbal* (pp.261-306). São Paulo: Martins Fontes.
- Bendassoli, P.F & Soboll, L.A. (2010). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas.
- Carvalho, J.F & Lopes, J.L. (1998, Agosto 21). Desmonte privatista. *Jornal do Brasil*, extraído da Internet, no Website: <http://www.ilumina.org.br> (1998, 21 de agosto).
- Clot, Y. (2011). Clínica do trabalho e clínica da atividade. In P. Bendassoli & L. Soboll (Eds.), *Clínicas do Trabalho – Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. Editora: ATLAS.
- Clot, Y. (2010a). A psicologia do trabalho na França e a perspectiva da Clínica da atividade. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22 – n. 1, p. 207-234, Jan/Abr.
- Clot, Y. (2010b). *Trabalho e poder de agir*. Editora: Fabrefactum.
- Clot, Y. (2006). *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Convenção Coletiva do Trabalho, nº 5.950 de 13/04/2011.
- Dieese. (2008). *Relações e condições de trabalho no Brasil*. São Paulo: Dieese.
- Dieese. (1993). *Os trabalhadores frente à terceirização*. São Paulo: Dieese.
- Dieese. (2006). *Perfil ocupacional dos empregados do setor de energia elétrica no Brasil: 1998/2004*. São Paulo: Dieese (Estudos e Pesquisas, 28).
- Minayo - Gomez, C., Machado, J. M. H. & Pena, P. G. L. (2011). *Saúde do trabalhador na Sociedade Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Nogueira, V.A. (1999). *Reestruturação do Setor Elétrico: um estudo qualitativo das condições de trabalho e saúde dos eletricitários frente a privatização da CERJ*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.
- Osorio da Silva, C. Barros, M. E. B. & Louzada, A. P. (2010). Clínica da atividade: dos conceitos às apropriações no Brasil. In P. Bendassoli & L. Soboll (Eds.), *Clínicas do Trabalho: perspectivas*

francesa e brasileira. São Paulo, Editora Atlas, Pp. 188-207.

Osorio da Silva, C. (2011). A fotografia como uma marca do trabalho: um método que convoca o protagonismo do trabalhador na invenção de mundos. In A. Zanella & J. Tittoni (Eds.), *Imagens no Pesquisar: Experimentações*. Porto Alegre, Dom Quixote Editora.

Osorio da Silva, C. (2010). Experimentando a fotografia como ferramenta de análise da atividade de trabalho. *Revista Informática e Educação: teoria e prática*, vol. 13, nº 1, jan./jun, pp 41-49.

Tedesco, S.H. (2012). A Clínica da Atividade e o dialogismo Bakhtiniano: por uma psicologia do estilo. Capítulo de livro no prelo, organizado por Elizabeth Barros, UFES.

Recebido: 31/03/2014
Última revisão: 08/08/2014
Aceite final: 13/08/2014

Sobre os autores:

Emanuelle de Aguiar Pacheco Alves - Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal Fluminense.
E-mail: manueap@yahoo.com.br

Claudia Osorio da Silva - Doutora em Saúde Pública (Saúde do Trabalhador). Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF.